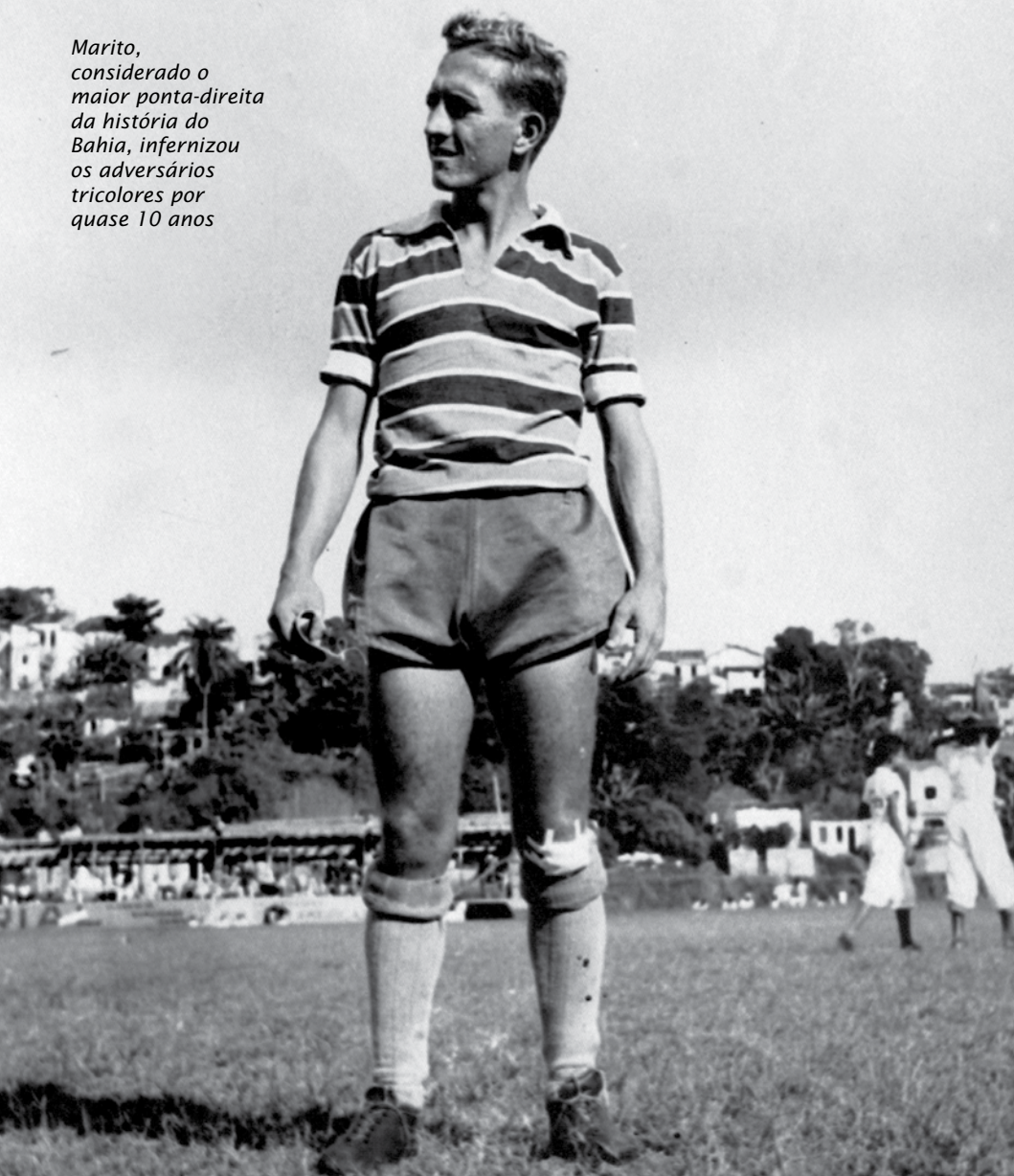


MARITO

MARITO

*Marito,
considerado o
maior ponta-direita
da história do
Bahia, infernizou
os adversários
tricolores por
quase 10 anos*



“Nos quase dez anos em que defendeu as cores tricolores, deixou seus marcadores espantados, e muitas vezes, estatelados no chão. Encantou a torcida com suas travessuras e, claro, com títulos.”

Um tricolor endiabrado

Imagine o diabo em campo. Ele é vermelho, certo? Veloz também, claro. Para uma imagem mais concreta, pode situá-lo na ponta direita do gramado. Não esqueça que ele é muito abusado. Agora, adicione as cores azul e branco à receita. Acrescente um pouco de magia e imprevisibilidade à história, fantasiando que ele é capaz de vencer o Santos de Pelé. Por fim, pode visualizá-lo loiro e de olhos azuis bem acesos. Fez o cenário completo? Então, você acaba de criar Marito, ídolo do Bahia, mais conhecido como Diabo Loiro, campeão brasileiro pela equipe baiana em 1959, considerado o maior ponta-direita da história do clube.

No dia 16 de maio de 1932, uma família de nome muito especial ganhava um novo membro. O pequeno Marito da Nova Bahia nasceu em Salvador e, desde cedo, já aprontava as suas no bairro da Ribeira, onde morava. Era bom de bola e adorava “bater um baba” nas areias das praias da Cidade Baixa. Arqueiro, dava um jeito de jogar bola até em casa. No jardim, uma pérgula de madeira era a “vítima”. O abrigo, que funcionava normalmente como suporte de plantas trepadeiras e proporcionava sombra no local, era usado por Marito para treino. Arrumava tijolos para compor o gol e chutava a bola. Repetia o ritual muitas vezes. A habilidade só crescia.

A primeira oportunidade de levar o futebol um pouco mais a sério aconteceu quando Marito fazia parte do juvenil do São Cristóvão. O time principal jogaria na quadra do clube (onde hoje fica a feira de São Joaquim) quando os jogadores perceberam o sumiço

do ponta-direita titular. Sem outra solução, o jovem foi chamado às pressas para compor a equipe, mas recebeu a recomendação de apenas fazer número em campo e evitar qualquer risco para não comprometer o time. O problema é que Marito não era exatamente um menino obediente. Acabou sendo o destaque da partida.

A notícia não foi bem aceita pela maior parte da família. Apesar do pai, Arnaldo Bahia, ter uma forte ligação com o futebol, seguir a carreira de jogador não era uma opção muito bem vista na época. A exceção era o irmão mais velho, José. Apaixonado por futebol, foi ele quem apoiou, deu bola, chuteira e levou o galeguinho ao estádio quando ele teve sua primeira chance no São Cristóvão. Na época, o treinador do clube era Novinha, ex-jogador baiano dos anos 30 e 40, e irmão de criação de Marito e José. Quando o pai dos meninos soube da estreia, deu uma surra no garoto de 17 anos e o colocou de castigo por 15 dias. O danadinho, no entanto, continuou correndo atrás da ideia. Ou melhor, da bola.

Do São Cristóvão, Marito foi para o Ypiranga, time pelo qual seu pai torcia fervorosamente. Fundado em 7 de setembro de 1906, o Ypiranga era um dos clubes mais antigos do futebol baiano. Na época, já havia conquistado nove títulos estaduais. O décimo e último da história do clube veio com Marito, em 1951. Durante a campanha, o jogador viveu grandes momentos, como o triunfo sobre o Vitória por 5 a 0, quando marcou um dos gols.

Na mesma temporada, no dia 3 de junho de 1951, Marito foi personagem de um jogo histórico entre o Ypiranga e Bahia, marcando no empate em 1 a 1. Carlito, futuro companheiro e, até hoje, maior artilheiro do Bahia, marcou pelo lado tricolor. O jogo foi o primeiro válido por uma competição oficial na Fonte Nova. Até então, o estádio tinha sido palco apenas de um torneio amistoso criado justamente para a sua inauguração no início daquele ano.

Ainda jogando pelo Ypiranga, em 1952, uma outra partida diante do Bahia foi crucial para a transferência do jogador para o Tricolor. Depois de uma derrota do Ypiranga por 3 a 0 no primeiro turno do Campeonato Baiano, os dois times voltaram a se enfrentar no segundo turno. Marito e seus companheiros queriam vingança, mas

o Bahia abriu o placar. O Ypiranga empatou, mas Carlito colocou os tricolores novamente na frente. No segundo tempo, uma atuação espetacular de Marito deixou toda a defesa adversária tonta até que veio o empate aos 44 minutos da etapa final: 2 a 2. O resultado parecia decretado quando, inacreditavelmente, o Bahia conseguiu marcar mais um gol e levar a vitória. Foi a arrancada para o título estadual de 1952 e a certeza de que Marito deveria trocar de camisa.

Travessuras tricolores. A fama daquele pontadireita endiabrado não demorou a ultrapassar as fronteiras da Bahia. Flávio Costa, técnico da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950, já tinha tentado levar o jogador para o Vasco. Na época, o clube carioca vivia um dos melhores momentos de sua história com um time conhecido como Expresso da Vitória, que marcou época entre 1942 e 1952. Apesar do convite, Marito não levou a ideia adiante. Teria que comprar uma verdadeira briga em casa, principalmente com o irmão mais velho, para deixar a capital baiana.

O Ypiranga, no entanto, já tinha ficado pequeno para Marito. Os lançamentos certos de 30, 40 metros, procuravam atacantes mais decisivos. A velocidade incrível e a habilidade para driblar com as duas pernas queriam duelos maiores. Sendo assim, em 1953, aos 21 anos, era hora de infernizar a defesa dos adversários do Bahia. O empurrão veio da noiva, Ivone. Torcedora fanática do Bahia, ela não aceitava a ideia de ter um marido jogando por outro clube. Foi uma das poucas vezes em que Marito obedeceu alguém. O descontentamento ficou para o pai, que não gostou de ver o filho se afastar do Mais Querido. Apesar de dizer que nunca mais assistiria a uma partida de Marito, ele estava sempre lá, escondidinho, vendo as travessuras e torcendo pelo filho.

O apelido Diabo Loiro veio, justamente, das diabruras do baixinho de 1,64 metro dentro de campo. Nos quase dez anos em que defendeu as cores tricolores, deixou seus marcadores espantados, e muitas vezes, estatelados no chão. Encantou a torcida com suas travessuras e, claro, com títulos. Foram sete campeonatos baianos, incluindo o penta de 1958 a 1962, e a Taça Brasil de 1959.



Carlito, Marito e Ivon, em Moscou, na primeira excursão internacional do Bahia na história

A adaptação ao novo time foi um paraíso e Marito se destacou logo nos primeiros meses. Em julho de 1953, durante um torneio quadrangular amistoso entre baianos e pernambucanos, foi autor de um dos gols do Bahia sobre o Vitória no triunfo por 3 a 2 que deu o título do torneio ao Tricolor. Na partida, os rubro-negros saíram na frente com dois gols. O atacante Claudinho diminuiu e Marito, aos 40 minutos do primeiro tempo, mandou uma tremenda bomba para as redes deixando tudo igual. Carlito ainda virou o jogo no segundo tempo para o Bahia.

O primeiro título estadual veio na temporada seguinte. O campeonato baiano foi dividido em três turnos e o campeão de cada fase seguiu para a decisão em um turno extra. Bahia, Vitória e Botafogo disputaram a taça que acabou ficando com o Bahia. O segundo título estadual de Marito foi diante do Fluminense, em 1956.

Em 1957, o jogador participou da excursão do Bahia para a Europa. Pela primeira vez, um clube baiano saía do Brasil para jogar no exterior. Logo na estreia, em Londres, perdeu para o Chelsea, mas venceu em terras francesas, congelou na Alemanha e chegou à antiga Tchecoslováquia. Por lá, venceu por 3 a 1 a seleção do país, que disputou a Copa do Mundo no ano seguinte. O time baiano venceu em outras tantas partidas, incluindo a seleção da Bélgica, e perdeu mais algumas, passando também pela Dinamarca, Holanda e Suíça até chegar à União Soviética. No primeiro jogo na Rússia, diante de 80 mil torcedores no Estádio Lenin, o Bahia venceu de virada o Torpedo Moscou – na época o campeão moscovita – com gols de Marito e Hamilton. No fim, foram 29 jogos, 15 vitórias, oito derrotas e seis empates.

Durante a viagem, Marito passou por uma situação, no mínimo, curiosa. O empresário Roberto Faligner, um dos responsáveis pela

empreitada do Bahia no Velho Continente, se apossou do passaporte dele e de outro companheiro para conseguir novos jogos sem a concessão do clube baiano, já que tinha sido afastado da delegação por não repassar o valor acordado pelas primeiras partidas na excursão para a diretoria tricolor. Foi necessária a intervenção de Osório Vilas Boas, presidente do clube na época, que recorreu à embaixada da Noruega, em Moscou, para resgatar os documentos.

No desembarque em Salvador, uma pequena multidão recebeu a delegação tricolor no aeroporto. Marito e todo o time seguiram em percurso festivo até a Praça da Sé, onde haveria uma grande festa. Durante o caminho, a delegação do Bahia passou pelo Palácio da Aclamação e foi saudada pelo governador Antônio Balbino.

Paraíso. Se o Bahia chegaria, em breve, aos céus, a caminhada começaria em 1958. Para se juntar a Marito e aos outros jogadores mais experientes da equipe, chegaram o goleiro Nadinho, vindo do Bangu, os atacantes Léo, do Fluminense, além de Biriba, recém-promovido do grupo de aspirantes do Bahia. No estadual daquele ano, Marito e seus companheiros infernizaram os adversários em 19 partidas, com apenas uma derrota, conquistando os três turnos do campeonato baiano daquele ano. O título deu início à segunda maior série de títulos estaduais consecutivos já conquistados por um time baiano. Na frente do pentacampeonato, entre 1958 e 1962, está apenas o heptacampeonato baiano, de 1973 a 1979, também do Bahia.

Era hora de colocar fogo no resto do país. Para comandar o grupo na primeira edição da Taça Brasil, em 1959, que indicaria o campeão brasileiro e o representante do país na recém-criada Copa Libertadores da América, a diretoria do Bahia trouxe Geninho. O treinador, que teve passagem vitoriosa como jogador no Botafogo, também ficou marcado por ter lutado na Segunda Guerra Mundial, em 1944.

Nas duas primeiras fases, o Bahia enfrentou times do Norte-Nordeste, enquanto os clubes do grupo Leste e Sul se encontraram. Por fim, os remanescentes decidiram o título com os representantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, campeões em seus estados e conside-



Pelo Bahia, Marito conquistou sete campeonatos baianos, incluindo o penta de 1958 a 1962, além da Taça Brasil, em 1959

rados mais fortes. Tudo em sistema mata-mata e com a possibilidade de uma terceira partida em caso de uma vitória para cada lado, independente do saldo de gols.

A campanha começou com uma sonora goleada de 5 a 0 sobre o CSA, de Alagoas. No jogo de volta, na Fonte Nova, Marito e Léo garantiram a vitória por 2 a 0. O Ceará veio em seguida. Dois empates levaram a decisão para um terceiro jogo. Um gol de Léo no segundo tempo da prorrogação deu ao Bahia o direito de encarar o Sport no desafio seguinte. Na Fonte Nova, o Sport saiu na frente. O Bahia empatou com bela jogada de Marito, chapelando seu marcador e dando o passe para Biriba empatar. O mesmo Marito saiu com a bola dominada do meio de campo, deixou dois adversários atormentados para trás e mandou a bola para as redes, colocando o Bahia na frente para histeria completa da torcida. Ari marcou o terceiro do tricolor. O Sport ainda diminuiu, mas a partida acabou mesmo em 3 a 2.

Analisando o Bahia, no dia seguinte, o *Diário de Pernambuco* publicou: “Atualmente, o Esquadrão de Aço conta com uma defensiva de homens altos que cortam muito bem o jogo por cima, mas claudicam muito nas bolas no terreno. Seu ataque conta com dois

homens-cérebro: Marito e Biriba, que sabem muito bem usar sua velocidade para carregar o time pra frente.”

Chegar em Recife para o segundo compromisso foi uma maratona. A delegação embarcaria pela manhã, mas o tempo fechado e o forte vento impediram que o avião que levaria o grupo baiano para a capital pernambucana pousasse em Salvador. Enquanto o embarque era adiado várias vezes, os jogadores foram liberados para passear nas dunas da Lagoa do Abaeté. Já era madrugada quando todos decolaram, chegando no destino somente na manhã do dia seguinte à maratona no aeroporto. O primeiro jogo foi um desastre e o Bahia acabou goleado por 6 a 0. Na partida de desempate, quatro dias depois, também em Recife, os tricolores venceram por 2 a 0, com gols de Biriba e Ari.

Na semifinal, outros três jogos foram necessários para eliminar o Vasco, campeão carioca naquele ano e repleto de jogadores da Seleção Brasileira. O Bahia venceu na ida, no Maracanã, para espanto da imprensa nacional: “Bahia surpreendeu e venceu o Vasco por 1 a 0”, noticiou o *Jornal do Brasil*. Em seguida, a publicação se derreteu em elogios a Marito: “Mas é justamente na linha que está seu ponto alto. Marito, ponteiro direito, é excelente jogador que, fisicamente, lembra Luisinho do Corinthians, pelo jeito e pouca estatura. Seu futebol, porém, recorda – dentro das devidas proporções – o do excelente uruguaio Ambrois”, finalizou o texto lembrado o atacante que foi um dos grandes centroavantes da América do Sul dos anos 50. No jogo de volta, na Fonte Nova, vitória do Vasco por 2 a 1. O terceiro jogo, também em Salvador, foi uma guerra, com lances violentos e vários minutos de paralisação. Léo marcou o único gol que levou o Bahia para as finais com o Santos. O Santos de Pelé.

O primeiro jogo das finais foi marcado na Vila Belmiro, em Santos, no dia 10 de dezembro de 1959. Além de Pelé, o time tinha Pepe, Coutinho e companhia e era considerado o grande favorito. A maior parte da imprensa e o próprio Santos não acreditavam na possibilidade de um título baiano. Como era esperado, Pelé abriu o placar no início do primeiro tempo. Mas o Bahia reagiu. Biriba empatou e Alencar virou o jogo. Pepe, de pênalti, complicou novamente marcando para o Santos. Foi então que Alencar, no último minuto

do duelo, recebeu passe de Marito, driblou o goleiro Manga e entrou com bola e tudo para colocar o Bahia de novo na frente. Não havia mais tempo de reação. O Santos, o Santos de Pelé, estava derrotado.

No retorno, em Salvador, em 30 de dezembro, a história foi diferente. Diante de uma Fonte Nova muda, Pelé e Coutinho marcaram os gols do Santos que sentenciaram a torcida tricolor ao purgatório até o ano seguinte. O Santos não esperava a necessidade de um terceiro jogo e já tinha programado uma excursão para a Europa. Assim, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) teve que adiar a final para março de 1960. O Bahia ainda tentou que a decisão fosse marcada na Fonte Nova, mas o estádio do Maracanã, palco neutro, foi o escolhido.

O Bahia fez boa parte de seus treinos antes da grande final na Ilha de Itaparica. Os jogadores daquele grupo lembram com carinho da pequena temporada na ilha. O próprio Marito elogiou a escolha do local durante aqueles dias, quando o time concentrava e ficava tomando “aquela água”. Segundo o ponta, a água “responsável” por deixar o grupo preparado era a de uma bica local famosa, onde os jogadores costumavam se refrescar no calor do verão baiano.

A união do grupo era motivo de matérias na imprensa nacional e de conversas entre os torcedores. Cerca de um mês antes do confronto, no entanto, o técnico Geninho decidiu deixar o clube. Alegando saudade de sua cidade e dos familiares, embarcou para o Rio de Janeiro. Ele mesmo fez a ponte para que o argentino Carlos Volante assumisse o Bahia. O novo treinador já tinha uma passagem pelo estado quando foi campeão baiano pelo Vitória em 1953 e em 1955.

Sob novo comando, Marito, Nadinho, Alencar, Biriba, Léo Briglia e os outros jogadores desembarcaram no Rio de Janeiro, no dia 27 de março, encapetados. “O Bahia está preparado para correr duas horas atrás da vitória. Se depender do nosso fôlego, levaremos a taça para Salvador” declarou Volante à imprensa. Do outro lado, o Santos chegou à cidade desgastado pela excursão. Pelé, operado das amígdalas logo que voltou da Europa, não poderia jogar a final, mas Coutinho e Pepe foram confirmados no ataque.

Foi justamente Coutinho quem abriu o placar, aos 25 minutos do primeiro tempo, na noite chuvosa de 29 de março. O Bahia não de-



Titular em todos os jogos da campanha, o Diabo Loiro foi essencial na conquista da Taça Brasil de 1959

sanimou. Ao contrário, endiabrou. “Depois de sofrer o gol, o time baiano perdeu a organização que respeitara até então: passou a ser mais ousado ainda. Marito – seu ótimo extrema-direita – muitas vezes envolveu a Zé Carlos e Formiga com dribles ligeiros”, analisou o *Jornal do Brasil*.

Quem esperava um show do Santos, viu as traquinagens do Diabo Loiro e seus ajudantes. Aos 37 minutos, o tricolor Vicente cobrou uma falta de longe com um chute forte, a bola resvalou no zagueiro Zé Carlos e entrou. Marito ainda acertou uma bola na trave,

mas o jogo foi para o intervalo empatado. No retorno, logo aos dois minutos, Marito cobrou escanteio e Léo Briglia conseguiu a virada. Irritados, dois jogadores do time paulista foram expulsos. O terceiro e último gol do Bahia veio justamente dos pés de Alencar e o Santos acabou a partida com apenas oito jogadores em campo.

A verdade é que, naquele 29 de março, mesmo dia em que Salvador completava 411 anos de fundação, o Santos poderia criar o inferno, mas o paraíso e o título ainda seriam do Bahia. Marito foi titular nos 14 jogos da campanha. “Milagre do Bahia foi jogar melhor: é campeão do Brasil”, estampou o jornal *Última Hora* em sua manchete. O *Jornal do Brasil* seguiu a mesma linha: “E onde estará a explicação para a vitória do Bahia? É fácil: ganhou porque foi o melhor quadro, porque esteve mais bem armado do que o Santos na maior parte do jogo e porque soube recuperar-se da afobação que lhe veio após a abertura do marcador pelo adversário.”

Um mês depois, quando Brasília tinha acabado de se tornar a nova capital do país, o Bahia de Marito entrou em campo em terras estrangeiras. Como campeão nacional, em Buenos Aires, contra o